



OS MUROS CONVERSAM

Célia Helena VASCONCELOS¹ – (Ms/ UFG)

E-mail: vasconceloscelia@hotmail.com

GT 11 - Linguagem, Discurso e Identidades

Resumo

Este artigo busca pensar a eficácia que os discursos proferidos por intermédio de grafites expostos em diversos lugares das urbes têm em se comunicar com os transeuntes bem como das estratégias discursivas selecionadas e utilizadas pelo grafiteiro para efetuar a comunicação. Partindo da teoria dialógica Bakhtiniana delinearemos o trabalho que aborda o grafite como enunciação tendo como suporte os muros. O grafite objetiva convencer o pichador a mudar de postura em relação à sujeita que é recorrente nos locais onde foi inserido o enunciado que faz parte de nosso *Corpus*. A análise caminha na perspectiva de compreender o fato de que nos referidos locais após ter sido inserido o enunciado dialogando com os pichadores os espaços permanecem com as pinturas limpas numa mostra concisa de que o diálogo foi instaurado. O artigo reflete sobre a concretude e eficácia da comunicação que se instaurou por intermédio do enunciado, provocando mudanças de comportamento nos pichadores. É na tentativa de compreender essa ocorrência dialógica que acontece entre esses dois grupos sociais que buscamos analisar o diálogo instaurado entre os muros e a coletividade. Para nossas reflexões teremos suporte nas concepções teóricas de Bakhtin.

Palavras chave: Pichação. Grafite. Enunciação. Diálogo. Muros.

Abstract

This article discuss the effectiveness that graffiti exposed in cities walls has in communicating with the passers-by, and the responsibility in the choices of language strategies of the enunciator to effect communication. Starting from Bakhtin's dialogical theory, we will outline a discussion that deals with graffiti as an enunciation using as support the walls with the objective of convincing the punkers to change position in relation to the subject that is recurrent in the places where it was inserted or enunciated that is part of our *Corpus*. The analysis takes place in order to understand the fact that after having inserted the statement dialoguing with the taggers, the spaces remain clean of paintings showing that the dialogue was established. The article reflects on the concreteness and effectiveness of the communication that was introduced through the utterance, causing changes in behavior in the taggers. It is an attempt to understand and analyze an institutional dialogue between the walls and the community. The reflections will be based on Bakhtin theoretical conceptions

Keywords: Spray painting. Graffiti. Enunciation. Dialogue. Walls.



1. Introdução

A pesquisa tem abordagem teórica voltada para a análise do discurso e está centrada no dialogismo na visão bakhtiniana. Tem-se o objetivo voltado para uma reflexão sobre o processo enunciativo sendo que, busca-se no presente estudo compreender o fenômeno dialógico que se instaura com recorrência nos ambientes citadinos sendo intermediados por grafites.

A proposta é pensada tendo como *Corpus* de estudo a fotografia de um enunciado verbal grafitado em um muro na cidade de Goiânia, ou seja, uma realidade discursiva emitida por meio de uma escrita grafitada que dialoga com os transeuntes utilizando como suporte um muro da cidade. Nossa pesquisa busca apoio nas bases teóricas centradas no dialogismo de Mikhail Bakhtin (Volochínov) 2014, pesquisador que influenciou e colaborou de forma relevante para a compreensão do princípio dialógico centrado no texto e no discurso, embora o pesquisador não tenha ignorado a importância da língua enquanto sistema. Sobre esse aspecto o filósofo pontua que,

A língua enquanto sistema dispõe, claro, de um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para expressar a posição emotivo valorativa do locutor, mas todos esses recursos, na qualidade de recursos linguísticos, são absolutamente neutros no plano dos valores da realidade. (BAKHTIN, 1997, P. 308)

O presente trabalho nasceu de observações de enunciados verbais grafitados em muros na cidade de Goiânia que objetivam formalizar um acordo com os pichadores no intuito de provocar mudança de atitude relacionada ao ato do piche. Estes ditos estão dispersos em vários muros da cidade de Goiânia, locais que eram alvo de pichadores com recorrência.

A necessidade do projeto se deve à busca por respostas para a eficácia da comunicação estabelecida entre um grafite e os pichadores que, com frequência, sujavam o local. Essa eficácia dialógica nos traz questionamentos sobre a competência desse diálogo instaurado por intermédio do grafite, justificando assim nossa pesquisa. A metodologia utilizada é composta por pesquisa bibliográfica, seleção de imagem e análise da fotografia do enunciado selecionado.



As reflexões visam ainda refletir sobre habilidades e estratégias utilizadas pelo enunciador na hora de fazer a seleção dos elementos linguísticos textuais visando um maior alcance comunicativo com os enunciatários.

Embora seja recorrente a elaboração de trabalhos que discutem pichação e grafite nas academias na atualidade observamos que, não há nenhum voltado para compreensão dos aspectos linguísticos e a mobilização discursiva do enunciado que propomos discutir nesta pesquisa. Este fato torna nosso projeto inovador e diferenciado de todos os outros já efetuados sobre o tema, fato que justifica nosso trabalho.

Dentre várias pesquisas que abordam o tema ao qual propomos refletir, podemos citar dois que consideramos de relevância sobre o assunto. O primeiro é um artigo intitulado *Pichações: discursos de resistência conforme Foucault* da Dr^a Eliane Marquez Fonseca Fernandes, que se encontra publicado na Revista Acta Scientiarum Language and Cultura. V33, n. 02 (2011), que se diferencia deste estudo por alguns aspectos, sendo o delineamento teórico o mais importante. Essa pesquisa teórica se dá a partir das concepções filosóficas de Michel Foucault, se distinguindo deste artigo onde priorizamos uma abordagem na perspectiva Bakhtiniana.

Um segundo trabalho que também discorre sobre o tema se encontra na Revista Tamoios intitulado: *Grafitagem: Resistência e criação* da mestrandia Anita Rink (2010, UERJ) A mestrandia traz reflexões sobre o grafite nos muros como obra de arte, diferenciando de nosso estudo na forma de abordagem uma vez que, a presente pesquisa faz uma abordagem do grafite em contexto de enunciação, tendo o firme propósito de convencer o pichador a mudar de postura em relação aos pichos que frequentemente acomete o local em que se encontram.

2. Proposições teóricas

As reflexões de Saussure colaboraram de forma significativa por meio de postulações teóricas que instigam ainda hoje pesquisadores que buscam compreender a linguagem. Os estudos do genebriano embora não tenha se dedicado a linguagem em contexto de uso na interação entre os enunciadores foram eles os responsáveis em instigar estudos



voltados a observar essas questões. Sobre esse aspecto Brandão (1996, p. 10), pontua que “qualquer estudo da linguagem é hoje, de alguma forma, tributário de Saussure, quer tornando-o como ponto de partida, assumindo suas postulações teóricas, quer rejeitando-as”.

Outro teórico de destaque nos estudos linguísticos é o filósofo Bakhtin que de maneira diferenciada de Saussure buscou refletir sobre aspectos que envolvem a linguagem numa esfera dialógica, refletindo sobre o atravessamento de vozes e discursos sociais que constituem os enunciados. De acordo com Brandão (1996, p. 10), “para Bakhtin fica evidente que uma linguística imanente que se limite ao estudo interno da língua não poderá dar conta do seu objeto.”

Para esse pensador, o enunciado é sempre direcionado a outrem e o dialogismo está vinculado ao contexto social histórico e cultural, sendo sempre direcionado a alguém seja o interlocutor real ou no campo imaginário. Outro fator de destaque na questão do dialogismo de Bakhtin é o fato de que um enunciado sempre objetiva uma resposta. Sobre as perspectivas dialógicas bakhtinianas Diana traz a seguinte reflexão,

Bakhtin considera o dialogismo o princípio construtivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo mencionadas: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. (BARROS, 2001,p.33)

As discussões anteriores vão de encontro às postulações de Brandão (1996, p. 10) quando pontua que:” Para Bakhtin, a dialogização do discurso tem uma dupla orientação: uma voltada para os “outros discursos” como processos constitutivos do discurso e outra voltada para o outro da interlocução – o destinatário.” O filósofo tem em seu ponto de reflexão dois parâmetros ao qual se dá a construção do enunciado. O dito anterior e posterior que é por meio da resposta do coenunciador, ou seja, a resposta do enunciatário é considerada ainda na construção do enunciado. Para o teórico russo Bakhtin (1988, p. 88) somente o Adão mítico que teve o privilégio de pronunciar discursos sem que fossem retomados discursos anteriores, somente Adão como primeiro ser pode evitar que seu discurso tivesse uma orientação dialógica por meio de discursos preconizadores ao seu.

Dessa maneira observa-se que os estudos desenvolvidos por Bakhtin foram diferenciados da maioria dos estudos que antecederam ao seu trabalho e que tinham a língua



por objeto de análise, buscando compreendê-la por suas unidades mínimas ou indo até o entendimento frasal, abordando o estudo da linguagem do ponto de vista cristalizado nas formas. A concepção bakhtiniana buscou refletir sobre a língua em contexto de uso, nas condições reais de interação entre os usuários na interação comunicativa em contexto dialógico. De acordo com as discussões tecidas por Beth,

“Sem dúvida, seja qual for o lugar assumido para olhar o pensamento bakhtiniano, a ideia do diálogo, enquanto estrutura enunciativa e enquanto forma dialógica constitutiva da existência das atividades de linguagem atravessa o campo de visão e desdobra as possibilidades do ver, incluindo incessantemente a história e a memória na cena de produção de sentidos e de seus efeitos.” (BRAIT, 2003, p. 29)

Diante do que foi explanado, a relevância teórica relacionada ao dialogismo é impar para os estudos voltados para a compreensão do discurso como uma construção composta por uma polifonia de vozes que são retomadas para a construção de um novo dito. Outro ponto na concepção de Bakhtin é o fato que o articulista sempre tem em mente um interlocutor do qual objetiva uma resposta, logo o enunciado é construído não somente em relação ao discurso que o antecede, mas também em relação ao que o sucede.

Tendo em vista o que discutimos anteriormente inferimos que a seleção nos elementos formais da língua não é uma escolha feita aleatoriamente, ela é voltada para o interlocutor ao qual o texto é destinado. Nesse sentido Geraldi (1993, p. 102), “O outro é a medida: é no outro que se produz o texto. E o outro não se inscreve no texto apenas no seu processo de produção de sentidos na leitura. O outro insere-se já na produção, como condição necessária para que o texto exista.”

Pensando no processo interativo entre locutor e interlocutor do enunciado pode-se afirmar que a mensagem exposta no muro teve êxito. O interlocutor compreendeu o dito e a resposta foi não pichar mais os ambientes nos quais as mensagens foram inseridas. Nessa linha de pensamento estamos de acordo com o filósofo quando comenta que,

[...] De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Por meio das proposições feitas por Bakhtin referentes ao dialogismo buscamos



analisar o fato de o diálogo ter se instaurado e se tornado efetivo ao ponto de provocar mudanças de comportamento nos indivíduos que com frequência pichavam os muros. Dessa maneira Fiorin afirma que (2006 p. 21), “um enunciado esta acabado quando permite uma resposta do outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas.”

Pensando no que fala Fiorin no parágrafo anterior podemos apreender que o enunciado pode ser considerado acabado uma vez que houve uma resposta e, no caso, de forma positiva ao grafite exposto no muro que instaura o diálogo com o pichador selando o acordo um longo tempo, mantendo o muro livre dos piches.

3. De ato marginalizado à apreciação artística

Atualmente o grafite se encontra disseminado por todo o país, principalmente nas grandes cidades, conquistando adeptos e respeito da população. Vale ressaltar que essas manifestações também mudaram de localidades e de representatividade do grupo social praticante. Antes era considerada uma arte marginalia e era reclusa à periferia dos grandes centros urbanos. Hoje, segundo Gitary (1999, p. 16), “O grafite tem como suporte para sua realização não somente o muro, mas a cidade como um todo.” Assim, podem ser apreciados em variados espaços públicos e privados, expostos em variados suportes como muros, prédios, pontes, ônibus, estampas de roupas etc. Antes, a visão associada à arte estava ligada as obras reclusas nas galerias e museus. Por volta do século XX, acontecem uma reelaboração desse conceito e o grafite ganha certo respeito como arte. Atualmente é possível de ser encontrado em grande quantidade e com qualidade estética em variados espaços, incluindo os museus.

Assim, é possível encontrar obras complexas que exigem do grafiteiro o domínio de técnicas de pintura e o conhecimento aprofundado da manipulação de cores e formas para a execução da obra. Vale ressaltar que, não foi sempre assim. De acordo com Gitary(1999, p.33), “[...] Levou certo tempo para que esses artistas conseguissem uma produção de rua e seus respectivos registros fotográficos e, então, o graffiti de qualidade pudesse conquistar o espaço que tem conquistado e se tornado história.” No entanto isso não significa que as



pichações chegaram ao fim. Elas permanecem paralelas à arte do grafite, incomodando e causando mal estar e prejuízo à sociedade.

4. Grafite e piche: formas diferentes de intervenção

A prática do grafite e do piche exercem formas divergentes de sentimento na sociedade, com graus de aceitabilidade diferenciados e (GITARY, 1999, p.19) “Uma das diferenças entre o grafite e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segunda da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e a letra.”

No piche é valorizado o grau de dificuldade em que o ato foi realizado como altura, acessibilidade, segurança do alvo do pichador e a recorrência deles por pontos diferenciados da cidade. Lazzarin (2007), “nessas atividades transgressivas, o uso do spray torna a técnica fácil e rápida, adequada para facilitar a fuga dos flagrantes da vigilância e da polícia.” Os praticantes do piche se utilizam de tintas e sprays e geralmente fazem uso de apenas uma cor sendo preferencialmente a preta, para exercer esse ato que suja toda a cidade. (GITARY, 1999, p.22) “A pichação, contudo, nem sempre é possível, permitida ou tolerada,” e com letras e rabiscos desconexos, desprovidos de cunho estético, a prática é motivada pela adrenalina que leva o pichador a essa prática ilegítima.

Em contrapartida, a grafiteagem se utiliza de técnicas e estilos muitas vezes bastante apurados, exigindo do grafiteiro capacidade criativa para analisar, criar, avaliar e somente depois executar o trabalho. A ação exige do artista um aprimoramento nas técnicas utilizadas e a busca do desenvolvimento da criatividade no que se refere ao domínio artístico para melhor retratar os temas,

No Brasil, costuma-se estabelecer uma diferença conceitual entre o grafite e a pichação. Não há, entretanto, parâmetros objetivos para a distinção entre uma forma e outra. Ambas utilizam basicamente as mesmas técnicas de execução, os mesmos elementos de suporte e podem conter algum grau de transgressão. Ambas tendem a alimentar discussões a cerca dos limites da arte, sobre arte livre, liberdade de expressão, mas também sobre crime, violência disputas de espaço e transgressões. (ENDO, 2009, p. 07).

Na contemporaneidade, os grafites em forma de textos ganharam espaço nos centros urbanos e têm se tornado cada vez mais presentes em espaços públicos e privados. Nesse trabalho específico constatamos que o enunciado foi lido, decodificado e entendido.

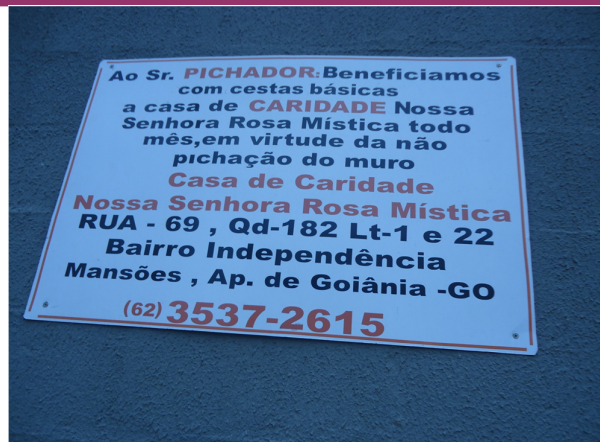


Instaurou-se a partir de então um diálogo entre as duas partes envolvidas.

Essa atitude responsiva demonstra que o pichador compartilha dos mesmos conhecimentos de mundo do enunciador e que suas formações ideológicas foram partilhadas. Nesse contexto, a escrita no muro passou a fazer sentido e a negociação feita na subjetividade se tornou concreta. Nessa perspectiva, compactuamos com as ideias de Barros (2001, p. 28), ao dizer que para Bakhtin a noção de sujeito é, por conseguinte, a de sujeito social, caracterizado por pertencer a uma classe social em que dialogam os diferentes discursos da sociedade.

O dialogismo nesse contexto vai muito além de uma simples resposta ao proclamado. Ele compreende as vozes dos dois grupos sociais aqui discutidos sendo que, a palavra do locutor é direcionada ao seu interlocutor com objetivo de efetivar um pacto de colaboração em prol das pessoas menos favorecidas por meio de doação de alimentos. Para que o diálogo aconteça utiliza-se como intermediário entre locutor e interlocutor um enunciado de grafite exposto no muro. Esse intercâmbio acontece e a resposta pode ser verificada por todos os transeuntes que são testemunhas de localidades antes marcadas pelos frequentes piches, mas que após inserção do enunciado, permanecem limpas sem necessidade de repinturas. Nessa perspectiva Bakhtin (2014, p. 117), “Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém”.

No enunciado que abordaremos em seguida podemos observar as duas faces das palavras da qual Bakhtin discute. As palavras procedem dos responsáveis pela manutenção da limpeza dos muros da igreja e se dirige aos pichadores, responsáveis por sujarem. Essa interação dialógica instaurada pelo grafite tem finalidade de formalizar um acordo.



Fotografia no muro da Igreja presbiteriana, localizada no Setor Centro Oeste – 11/10/2014.

5. Análise da imagem discutida

Este grafite se encontra no muro da igreja Presbiteriana do Setor Oeste em Goiânia há aproximadamente cinco anos, local que frequentemente era alvo dos pichadores. Ele principia o diálogo se dirigindo ao interlocutor de maneira educada e respeitosa para, em seguida, propor um acordo com o ouvinte utilizando-se de um discurso social.

Observa-se a placa branca sobreposta no muro pintado de cinza escuro, dando um contraste visual de destaque. As letras pretas e vermelhas sobressaem na placa clara e foi utilizada na escrita do enunciado a cor vermelha em caixa alta com o propósito de destacar palavras chaves do dito. O número de telefone é inserido no final do texto em proporções maiores que as letras, também grafado na cor vermelha com uma tonalidade mais forte dando mais destaque visual. A estratégia utilizada faz com que os números fiquem mais visíveis entre as letras pretas e o fundo branco do suporte e o posicionamento é feito de maneira estratégica no rodapé do texto, proporcionando credibilidade ao que foi dito. A escrita chama a atenção ainda pelo contraste das cores utilizadas e a forma como foram distribuídos os termos do enunciado no cartaz.

Outra questão plausível de ser aqui comentada é o fato do uso do pronome de tratamento “**senhor**” fazer parte do vocativo que chama o pichador para o diálogo. Nesse caso, o pichador poderia ter tomado o emprego desse pronome no enunciado como uma ironia já que seus atos nestes ambientes não são bem vistos pela sociedade. No entanto, pelo fato do ambiente permanecer limpo por



um tempo longo podemos afirmar que o pichador aceitou o pronome de tratamento inserido no enunciado como uma abordagem respeitosa. Se fosse o contrário e o interlocutor tivesse apreendido o texto como ironia do enunciador, teria pichado o espaço como forma responsiva.

Outro item a ser discutido em nossa análise é a utilização do verbo **beneficiar** conjugado em primeira pessoa do plural “*beneficiamos*”. O pronome pessoal implícito “*nós*” mostra que o enunciador se encontra inserido no discurso. Quanto ao interlocutor, o enunciador deixa livre para escolher se quer fazer parte desse *nós* solidário ou não. O locutor deixa a decisão da realização da prática social referente a doação de alimentos nas mãos do pichador quando diz: “Beneficiamos com cestas básicas a Casa de Caridade Rosa Mística todo mês em virtude da **não pichação**.” Nesse fragmento, observa-se o não dito: a entidade só receberá os donativos se “você” pichador, decidir por não pichar, ou seja, a decisão da prática desse ato social só depende do pichador para que seja realizada. Nesse caso, o pichador apreende o discurso do locutor por intermédio do não dito que está posto e muda de atitude em relação ao seu comportamento uma vez que Orlandi (1992, p. 12), “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”.

Nesse enunciado podemos afirmar que houve uma atitude responsiva em relação ao discurso proferido pelo grafite no muro e o interlocutor, no caso o pichador, fez um acordo com o locutor para que a entidade citada seja beneficiada recebendo as doações, efetivando assim o diálogo por meio da decisão tomada de não sujar o ambiente.

Para estabelecer credibilidade e confiança no intuito de convencer o pichador em colaborar, o locutor do texto fala em primeira pessoa do plural, onde o “*eu*” se inclui no discurso mesmo se encontrando de forma implícita, procedendo a uma fala que não é individual, mas coletiva, deixando claro que tem mais pessoas do seu meio engajadas no ato de colaborar, que não se encontra só, embora não defina quem mais faz parte desse “*nós*”. Essa estratégia proporciona um efeito de objetividade dando credibilidade ao dito, tornando assim o discurso legítimo e real, fazendo com que o leitor reconheça como verdadeira a informação exposta no muro e manipulador e manipulado possam entrar em acordo.

Dessa forma, o diálogo do enunciado grafitado no muro se torna mais eficaz que a interlocução instaurada entre os envolvidos no discurso na forma de presença física dos mesmos. Se a mesma proposta que está grafitada no muro da igreja fosse discutida com a



participação física dos dois lados aqui discutidos não teria a mesma eficácia, pensando que, não há apenas um grupo de pichadores pela cidade, mas uma variedade deles. Assim a eficácia da conversa com presenças de um grupo de grafiteiros não seria eficiente. Nesse sentido, podemos afirmar que o acordo feito com alguns pichadores não valeria para todos os grupos que, sem ter acesso a combinação pichariam novamente o ambiente.

O enunciado exposto no muro se encontra dialogando todos os dias com os passantes demonstrando uma eficácia que causa curiosidade devido à sua funcionalidade. A cada dia ele chama o pichador para selar o acordo e o pacto vai sendo renovado a todo o momento com os mais variados grupos de pichadores. Hoje ele dialoga com uns, amanhã ele conversa com outros. Assim sucessivamente se renova a enunciação e efetiva o diálogo com variados grupos por intermédio do mesmo pronunciado. O enunciado permanece o mesmo, a mesma placa, o mesmo suporte, mas a enunciação não se repete, com cada transeunte ela dialoga de forma diferenciada.

Nesse enunciado podemos perceber como sinaliza (MANGUENEAU, 2008, p. 25), que “Os discursos se entrecruzam em todos os sentidos, multiplicam-se indefinidamente em várias dimensões, tão logo se proponha uma hipótese um pouco ampla”. Dessa maneira, o grafite inserido no muro da igreja se encontra dialogando com variados grupos de pichadores e grupos sociais distintos da comunidade, mostrando sua eficácia a cada nova enunciação. Com os pichadores, o pronunciado tem a intencionalidade de selar um acordo para que o ambiente permaneça limpo. Com os proprietários dos recintos que são alvo constante de pichadores o enunciado causa interesse na sua reduplicação. Isso se explica pela eficácia do acordo feito com os pichadores por meio do enunciado para que as pinturas não sejam alvo do piche. Sobre esse aspecto podemos observar a reprodução dessa forma de discurso em vários locais da cidade de Goiânia. Para os linguistas a escrita se torna um objeto plausível de estudo a exemplo desse artigo. Para a comunidade beneficiada com as cestas, motiva o interesse que o discurso seja eficaz, para que possam assim receber os alimentos prometidos. À sociedade em geral que transita na região a escrita provoca curiosidade sobre a eficácia do uso da estratégia discursiva utilizada nesse contexto e admiração por surtir o efeito desejado.

É importante salientar que, o enunciado que discutimos em nossa análise, é composto por uma polifonia de vozes sociais que ecoam levantando questionamento sobre variados



temas que são abordados. Nele estão inclusos temas relacionados à bondade, valorização do próximo, fome, solidariedade e econômico.

Assim, o enunciador busca uma cumplicidade no interlocutor com a finalidade de realizar seu intento de validar a proposta apresentada no cartaz. O texto é elaborado com estratégias de dualidades opostas: bem e mal, solidário e não solidário, ajudar ou não ajudar ao próximo.

Todo o discurso se encontra na subjetividade dos participantes e é utilizada a artimanha do uso do não dito, produzindo sentido e instaurando o diálogo com cada passante. Nesse aspecto, sinala Gedrat (2006, p. 139), “Esses sentidos são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história, e é por isso que significam, e não pela nossa vontade”.

Todos os elementos linguísticos do enunciado foram estrategicamente selecionados pelo enunciador com a finalidade de dar credibilidade e convencer o leitor da proposta que está posta. São colocados a disposição do “**Senhor PICHADOR**” o nome, o endereço e telefone da associação que receberá o benefício proposto, para que no caso do surgimento de alguma dúvida, o pichador possa verificar a veracidade da ação. O nome da instituição aparece duas vezes em um enunciado considerado pequeno, reforçando assim a seriedade da proposta que ele veicula.

A proposta para que a parede permaneça limpa foi feita pelo enunciador e aceito pelo pichador, demonstrando que os dois lados do diálogo compartilham das mesmas ideologias. Sobre o posicionamento ideológico o filósofo comenta que Bakhtin (2014, p. 99), “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”.

Um fator importante que está posto é a credibilidade que o sujeito comunicante passa na sua fala ao identificar a entidade alvo de auxílio. Neste caso, os argumentos levam o pichador a refletir sobre seu ato, fazendo com que se torne efetiva a intenção do sujeito que enuncia. Essa conversação tem demonstrado ser eficaz, pois os muros onde os enunciados verbais foram inseridos continuam sem os indesejáveis piches, demonstrando que, Bakhtin (2014, p. 117) “Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância



muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém”.

Sobre a interatividade entre locutor e interlocutor discutida por Bakhtin na citação anterior, percebe-se que a voz que ecoa no muro se dirigindo ao pichador faz uma oposição à sujeira recorrente no ambiente. Ela busca um diálogo com o enunciatário, mesmo se encontrando de lados opostos: enunciador que deseja um ambiente limpo e pichador que frequentemente suja. Observamos que o acordo é selado em prol de uma preocupação social com grupos menos favorecidos, o que demonstra que o dueto compartilham ideologias similares quando se trata de ser solidário com o seu semelhante.

Tendo isso posto, o ato responsivo do enunciatário demonstra que os dois lados compartilham de sentimentos e pensamentos análogos no sentido social. Vemos o ecoar de uma voz no grafite que, ao enunciar a proposta de doações de alimentos a entidades que necessitam de ajuda, emudece a voz do pichador que dá o seu grito por intermédio do piche.

Dentro do que foi aqui discutido, podemos concluir que o grafismo passa a sua mensagem à sociedade de forma polifônica e a significação do conteúdo exposto em cada ambiente vai depender da ideologia compartilhada entre enunciador e receptor da mensagem. Ou seja, a interpretação depende do repertório interior de cada transeunte. De acordo com Mangueneau (2008, p. 51), “o discurso implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento da enunciação que valida à própria instância que permite sua existência.”

Considerações finais

A realidade comunicativa do homem contemporâneo é plausível de estudos. Na atualidade tem se tornado frequente o Corpus de pesquisa voltado para estudos relacionados ao grafite. A opção pelo tema se explica pela riqueza linguística que pode ser encontrada nesse estilo comunicativo e pela imensa quantidade de imagens e escritas distribuídas nos centros urbanos.

Utilizando como suporte os mais variados locais nas urbes podemos encontrar um arsenal comunicativo com temática inesgotável, são propostos acordos entre sujeitos que não compartilham de mesma ideologia e podemos presenciar as negociações sendo realizadas nos espaços públicos com intermédio dos grafites mediando os diálogos.



Essa forma comunicativa intriga a sociedade no sentido que, embora esteja disponível para os indivíduos uma variedade de meios para interação comunicativa entre os grupos sociais: televisão, rádio, telefone, internet, jornais, revistas etc, o homem moderno busca deixar o seu recado utilizando como suporte os mais diferentes espaços citadinos, buscando sanar suas necessidades de interatividade no meio social.

Assim, com a prática do grafite e do piche como meio de interação comunicativa é possível encontrar uma variedade temática que exprime variados sentimentos como: revolta, insatisfação, amor, convencimento, declarações, distração e acordos, como é o caso do enunciado que compõe nosso objeto de pesquisa.

Em nosso estudo buscamos demonstrar a força comunicativa e a efetividade dialógica que o grafite exerce na sociedade moderna. Embora o ser humano tenha acesso a tantas inovações comunicativas disponíveis, a escrita e as imagens grafitadas nos muros das cidades permanecem cada vez mais atuais. Isso se deve a capacidade e eficiência ao instaurar um diálogo e propor acordos entre grupos sociais. Com a utilização desse artifício o homem vai contando sua história, com a intervenção feita por marcas que são deixadas de maneira lícita, no caso do grafite, ou de forma arbitrária, como a prática do piche.

Referências

- BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: UNESP e Hucitec, 1988.
- BARONAS, Roberto (ORG.). **A Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos, S.P.: Claraluz, 2003. p. 19-30.
- BRAIT, Beth. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, Maria Rosário do; BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: UNICAMP. 1996.



ENDO, Tatiana Sechler. **A pintura rupestre da pré-história e o grafite dos novos tempos.** São Paulo, 2009. Disponível em
 <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/215>>.
 Acessado em 13/10/2015 às 9:37.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

LAZZARIN, L.F. **Grafite e o ensino da Arte.** Revista Educação e Realidade. Jan/ jun; UFRGS, 2007. Endereço eletrônico <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6660>
 Acessado dia 06/11/2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 1., 2003, Porto Alegre, RS:

UFRGS, 2003, Disponível em: <<http://spider.ufrgs.br/discur>> Acessado dia 07/11/2015.

RINK, Anita. Grafitagem: resistência e criação. In: **Revista Tamoios**, Departamento de Geografia UERJ. Capa > v.6, nº 1 2010. Endereço eletrônico:
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/1171>
 Acessado dia 11/10/2015.